

A sabotagem dos gasodutos Nord Stream e o mal absoluto

No Ocidente, vemos muito bem a propaganda e desinformação russa. Procuramos fazer-lhe frente e contrariá-la o mais possível. É a atitude certa. Todavia, quando se encara a Rússia de Putin como um mal absoluto, responsável por todos os males e actos malignos, perde-se capacidade de perceber a complexidade da realidade.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 9 de outubro de 2022

1. A trágica guerra que decorre na Ucrânia, devido à invasão russa de 24 de Fevereiro de 2022, tem sido acompanhada por agressivos discursos sobre um mal absoluto. Do lado da Rússia, a propaganda governamental quer fazer crer os russos — e o mundo exterior — que a Ucrânia é governada por nazis, não importando que Volodymyr Zelensky seja judeu.

Assim, a sua invasão, para além de invocar um direito histórico sobre os territórios da Ucrânia para a legitimar, é apresentada, cosmeticamente, como uma operação militar especial para desnazificar o país e proteger a segurança da Rússia.

Por sua vez, do lado ucraniano e ocidental, embora não tipicamente no discurso oficial dos governos (à excepção da Ucrânia, Polónia e Bálticos), abundam acusações na esfera pública de que a Rússia de Vladimir Putin é uma transmutação dos totalitarismos nazi ou fascista do século XX. Vladimir Putin seria, assim, um novo Adolf Hitler ou um novo Benito Mussolini. Tal como no passado, o objectivo é destruir as democracias liberais, pelo que a invasão da Ucrânia é apenas o início desse mal absoluto.

2. Esta visão radicalmente maniqueísta do mundo pretende incutir na opinião pública, russa e ocidental, a ideia de que, de um lado, temos alinhados os bons, os quais combatem exclusivamente por motivos nobres e louváveis, ninguém cometendo actos de guerra suja ou atrocidades, nem fazendo propaganda ou desinformação. Por sua vez, do outro lado (do lado do inimigo), estão as forças maléficas responsáveis por todos os males maiores da guerra: destruição bárbara de cidades, ataques indiscriminados a civis, violações, torturas, pilhagens e sabotagens.

Todavia, há uma diferença fundamental nos discursos ocidental e russo. No Ocidente, temos um bem precioso que os russos não têm. Isso faz uma diferença abismal: temos uma imprensa livre e plural. Assim, a narrativa oficial dos governos pode ser sujeita ao contraditório e a contestação.

Tudo isto vem a propósito das rupturas e fugas de gás ocorridas nos gasodutos Nord Stream e Nord Stream 2 na última semana e das explicações dadas para o sucedido. Até agora, não há factos sólidos, pelos menos públicos, que permitam estabelecer os contornos exactos do sucedido. Todavia, a hipótese de actos deliberados de sabotagem

é a hipótese mais plausível, dado terem aparecido várias rupturas em simultâneo (e as rupturas em gasodutos ocorridas por acidente são muito raras).

3. A questão que a seguir emerge é a da autoria. Para avaliação do caso, os factos conhecidos são estes. O Nord Stream 1 é maioritariamente propriedade da Gazprom (a empresa russa de gás natural) e liga a costa russa perto de São Petersburgo até ao nordeste da Alemanha, atravessando o Báltico. Contudo, o Nord Stream 1 não estava a fornecer gás à Europa (Alemanha) dado a Rússia o ter fechado invocando necessidades de manutenção.

Quanto ao Nord Stream 2, também propriedade de uma empresa do grupo da Gazprom, tem um trajecto paralelo ao Nord Stream 1 pelo Mar Báltico, mas que nunca chegou a entrar em funcionamento — apesar de estar carregado de gás — devido à invasão russa da Ucrânia.

Há registo, pelos serviços de sismologia da Suécia, de explosões na área onde os gasodutos apareceram danificados. Na altura das explosões estava a ser concluído um outro gasoduto — o gasoduto do Báltico — para transportar o gás da Noruega para a Polónia, passando pela Dinamarca. Todos estes gasodutos se cruzam ao largo da costa da Dinamarca, perto da ilha de Bornholm, um dos locais onde ocorreram explosões nos gasodutos Nord Stream.

Para além destes factos, estamos no campo das hipóteses e das explicações mais ou menos plausíveis. Todavia, o que tem sido possível observar, pelas declarações públicas de políticos e debate na imprensa, é que as lógicas anteriormente descritas do mal absoluto — para os russos encarnado pelo Ocidente / EUA, para o Ocidente e Ucrânia encarnadas pelos russos — funcionaram de imediato, sem grande preocupação em encontrar a autoria real do acto.

4. No Ocidente, a tese dominante apontou de imediato para uma autoria russa das explosões no Nord Stream 1 e 2. Quanto à Rússia retribuiu, culpando os demónios ocidentais, em particular aos anglo-saxónicos, de terem feito sabotagem. No Ocidente, foi ainda salientado que não era coincidência ter sido concluído, nessa altura, o gasoduto do Báltico.

A tese sugere que a sabotagem russa é um aviso ao Ocidente de que a guerra pode alastrar aos gasodutos e outras infra-estruturas críticas, como cabos submarinos da Internet. Outros argumentaram que a Rússia, para além de fazer aumentar o preço do gás, não precisaria mais de desculpas para não fornecer gás à Europa.

Todavia, uma análise crítica do caso deveria colocar mais hipóteses / perguntas, pelo menos até emergirem factos sólidos sobre a real autoria (se algum dia vierem a surgir). A primeira é se o intuito da Rússia era fazer subir o preço do gás, qual a razão pela qual foi sabotar gasodutos da Gazprom que detém e não estavam a fornecer gás à Europa? (Não se descortina grande efeito nos mercados).

A segunda hipótese / pergunta é ainda mais intrigante, porque normalmente nunca é feita: se o objectivo era fazer subir o preço do gás e sinalizar ao Ocidente que a guerra

poderia escalar para ataques a infra-estruturas, por que razão não foi atacado o gasoduto do Báltico, situado nas proximidades, ao largo da ilha de Bornholm da Dinamarca? (Esse sim, irá levar gás à Polónia e aliviar a escassez energética no Inverno, pelo que provocaria pânico e faria disparar os preços no mercado de gás).

Claro que são apenas questões em aberto e hipóteses explicativas, mas são tão plausíveis como as que apontam o dedo à Rússia, até por uma razão: se foi a Rússia, perdeu o efeito surpresa que esta sabotagem tinha. Agora, a marinha de guerra norueguesa e outras da NATO estão a patrulhar os gasodutos. Mas o demónio é capaz de tudo, incluindo ser irracional.

5. A discussão pública em torno da autoria das explosões nos gasodutos mostra-nos um problema que deveria merecer uma profunda reflexão. Ao instalar-se uma visão simplista do conflito onde o adversário / inimigo representa um mal absoluto perde-se a racionalidade e o equilíbrio.

No Ocidente, vemos muito bem a propaganda e desinformação russa. Procuramos fazer-lhe frente e contrariá-la o mais possível. É a atitude certa. Todavia, quando se encara a Rússia de Vladimir Putin como um mal absoluto, responsável por todos os males e actos malignos, perde-se capacidade de perceber a complexidade da realidade. Perde-se ainda o espírito de autocritica, algo que é fundamental em sociedades plurais e democráticas. Mas há um risco ainda mais sério ao demonizar radicalmente o adversário.

Numa altura em que a guerra está a correr mal à Rússia, Vladimir Putin fez um discurso muito agressivo e demonizador do Ocidente quando anexou, em total desrespeito da legalidade internacional, quatro regiões da Ucrânia — Donetsk, Luhansk, Kherson e Zaporizhia.

Se, por sua vez, o Ocidente continua, à sua maneira, também a demonizar a Rússia de Vladimir Putin como um mal absoluto, daqui decorrem duas consequências perversas. O espaço para uma saída política desaparece (ninguém negocia com alguém que personifica um mal absoluto). Ao mesmo tempo, abre-se o caminho psicológico para o uso de armamento nuclear, pois o inimigo, agora desumanizado, passa a ser algo a legitimamente erradicar, seja com que meios for.

<https://www.publico.pt/2022/10/09/mundo/analise/sabotagem-gasodutos-nord-stream-mal-absoluto-2023281>